Quem fica com o filé?

Exportações de carne bovina crescem, mas o produtor não participa do lucro



ALCIDES DE MOURA TORRES JR.
FABIANO TITO ROSA
MAURÍCIO PALMA NOGUEIRA

O Brasil consolidou, este ano, sua posição de maior exportador mundial de carne bovina, alcançada em 2003. Até outubro, os embarques haviam totalizado cerca de 1,44 milhão de toneladas em equivalente-carcaça, com faturamento de US$2,02 bilhões.

Em relação ao mesmo período do ano passado, quando foram negociadas 1,03 milhão de toneladas, com um faturamento de US$1,20 bilhão, houve um aumento de 39% em volume e de 69% em receita. Na verdade, no acumulado de janeiro a setembro de 2004, as exportações brasileiras de carne bovina já haviam superado o desempenho registrado ao longo de todo ano de 2003.

No fechamento do ano, a expectativa é de que o volume exportado alcance 1,7 milhão de toneladas de equivalente-carcaça, com um faturamento próximo de US$2,40 bilhões.

Desde 1997, quando o Brasil iniciou sua escalada de sucesso no mercado internacional, os embarques de carne bovina evoluíram de 287,16 mil toneladas de equivalente-carcaça para 1,7 milhão (expectativa para 2004); um crescimento de 492% em 7 anos. O faturamento, no mesmo período, passou de US$428,11 milhões para US$2,40 bilhões, representando uma evolução de 461%.

Veja que o faturamento aumentou menos do que o volume. A retração dos preços da carne bovina, muito forte em 2000 e 2001, foi o "pedágio" que o Brasil pagou para se sustentar como primeiro do *ranking* nas exportações, atendendo a mercados que antes eram abastecidos, principalmente, por Argentina, Uruguai e União Européia. Os concorrentes brasileiros sofreram com casos de febre aftosa e mal da vaca louca, abrindo espaço para a carne brasileira.

O avanço das exportações de carne *in natura* impediu que o faturamento recuasse muito. A ausência do mal da vaca louca e o combate eficiente à febre aftosa permitiram que o Brasil deixasse de ser um fornecedor quase que exclusivo de carne enlatada.

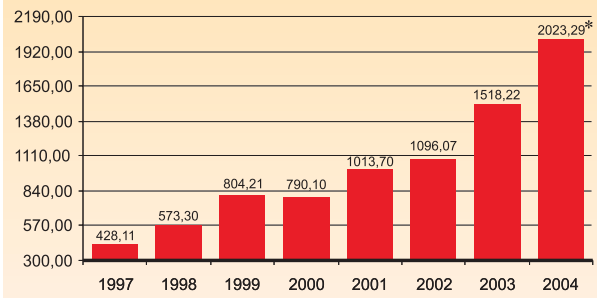
Nos anos subseqüentes, o setor cresceu muito em organização, investiu em promoção, marketing e na elaboração de estratégias de comercialização. Assim, além de manter mercados, conquistou novos clientes. Em 2003, já eram 106 os países que compravam carne bovina do Brasil, chegando a 140 em 2004; um aumento de 32% em um ano.

O sucesso obtido no mercado internacional foi o principal fator para garantir, internamente, a sustentação dos preços da arroba do boi gordo, visto que a produção de carne não parava de crescer, diante de um consumo doméstico que, principalmente a partir de 2000, começou a declinar.

De acordo com a evolução dos preços da arroba do boi gordo, em reais deflacionados pelo IGP-DI, ao longo dos últimos 20 anos, os recuos cessaram em 1997, justamente quando o Brasil começou a registrar recordes de exportação de carne bovina.

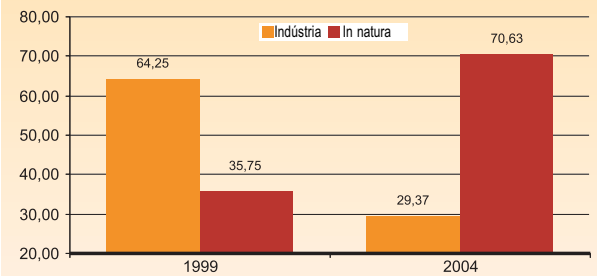
Em 2004, os Estados Unidos e a Austrália disputavam com o Brasil a posição de 'número um' do mundo, em exportação.

Brasil: exportações de carne bovina em US$ milhões



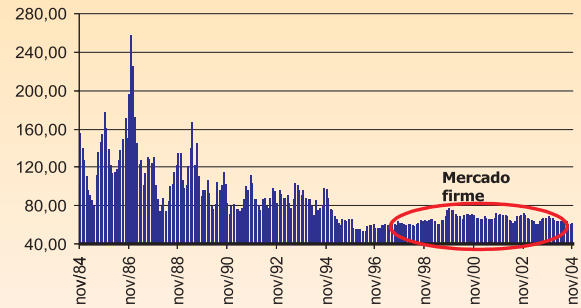
Fonte: MDIC / Scot Consultoria – * acumulado até outubro

Brasil: distribuição (%) das exportações por produto



Fonte: Scot Consultorias

SP: preço do boi gordo deflacionado pelo IGP-DI (R$/@)



Fonte: IEA / Scot Consultoria

Preços médios mensais da carne exportada, de jan a nov. US$/t de equivalente-carcaça

Tipo	2003	2004	Variação
In natura	1.402,56	1.638,92	17%
Industrializada	785,27	872,31	11%
Média ponderada	**1.178,53**	**1.392,99**	**18%**

Equivalente carcaça = t de carne industrializada x 2,5 + t de carne *in natura* x 1,3
Fonte: MDIC

Os Estados Unidos praticamente saíram do mercado, em função da descoberta de um caso do mal da vaca louca. Antes disso, pelo mesmo motivo, o Canadá também havia reduzido drasticamente suas exportações.

Fora os problemas sanitários de Estados Unidos e Canadá, a produção européia está em queda, e a Austrália ainda se recupera da seca severa e prolongada que acometeu o país, em 2002 e 2003. Assim, o mercado ficou 'enxuto', favorecendo a valorização da carne exportada. O Brasil se beneficiou disso.

Porém, as cotações da arroba não acompanharam a evolução dos preços da carne exportada.

Nos últimos anos, o pecuarista brasileiro investiu intensamente em tecnologia, buscando qualidade e aumento de produção, a fim de atender à crescente demanda externa e de alcançar ganhos em escala. A disputa por área com a agricultura deu força ao processo. Esse esforço não foi compensado com a participação nos lucros das exportações. Os números mostram que o repasse da carne para o boi não foi proporcional.

O ambiente de negócios fica cada vez mais competitivo. Estimativas apontam que, em 30 anos, apenas de 15% a 20% do total atual de agropecuaristas continuarão na atividade. Quem não se profissionalizar, não acompanhar as tendências de mercado na administração e comercialização, não ganhará dinheiro. São os novos tempos da cadeia produtiva: se as indústrias não se adaptarem, o setor produtivo precisa 'correr atrás'. ■

Preço do boi gordo[1] *versus* preço da carne bovina exportada[2]

Período	2003		2004		Variação %	
	Boi	Carne	Boi	Carne	Boi	Carne
Janeiro	17,33	1,05	21,36	1,31	23	25
Fevereiro	16,15	1,05	20,20	1,35	25	29
Março	16,72	1,09	20,31	1,43	21	31
Abril	17,86	1,07	20,37	1,41	14	32
Maio	18,04	1,03	19,61	1,49	9	45
Junho	18,62	1,13	19,78	1,46	6	29
Julho	19,41	1,22	20,32	1,43	5	17
Agosto	19,54	1,21	20,87	1,40	7	16
Setembro	20,65	1,33	21,09	1,38	2	4
Outubro	21,13	1,42	21,25	1,41	1	-1
Novembro	21,15	1,36	22,50	1,33	6	-3

Fonte: MDIC / Scot Consultoria

[1]US$/@-Estado SP
[2]US$/kg de equivalente carcaça

ALCIDES DE MOURA TORRES JR., FABIANO TITO ROSA e MAURÍCIO PALMA NOGUEIRA *são diretores da Scot Consultoria.*

Pontos negativos na comercialização

1. Significativo aumento da oferta de animais terminados reduz a dificuldade de compra por parte dos frigoríficos exportadores.

2. Crescimento do número de cabeças confinadas e semiconfinadas, de cerca de 15%, alcançando 1,9 milhão e 3,2 milhões, respectivamente. Com o maior uso de suplementos, como sal proteinado e sal com uréia, houve mais gado disponível para o abate, tanto na safra como na entressafra.

3. A adesão ao SISBOV também aumentou. Até outubro, o banco de dados do sistema brasileiro de rastreabilidade apontava 35 milhões de cabeças cadastradas. Muito mais do que o suficiente para atender aos contratos de exportação.

4. De uma produção de 7,3 milhões de toneladas de equivalente-carcaça de carne bovina, "apenas" 23% são negociados no exterior. O grande mercado é o interno.

5. Exportações concentradas nas mãos de poucas indústrias: de 1.500 frigoríficos inspecionados no País, apenas 17 respondem por 98% de tudo o que é negociado no mercado internacional. Destes, 5 detêm algo em torno de 80% do mercado de exportação, sendo que 2 respondem por mais de 50% disso tudo.

6. Falta de organização representativa no setor produtivo. A adoção de estratégias eficientes de comercialização é tão importante quanto investir em tecnologia, marketing e gestão de custos. Nenhuma empresa vai pagar R$70,00 por uma matéria-prima disponível a R$63,00.

